

PORTAL L: ENTRE-LUGARES, (DES)ENCONTROS POSSÍVEIS¹

Alice Fátima Martins – UFG

Aishá Terumi Kanda - SE/GDF

Manoela dos Anjos Afonso – UFG

Tatianny Leão Coimbra – UFG

Resumo

Neste trabalho buscamos destacar alguns dos principais pontos de entrecruzamento entre dois trabalhos de conclusão de curso apresentados na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás no ano de 2010. Um deles foi defendido no curso de *Artes Visuais, Habilitação em Artes Plásticas*; o outro, no curso de *Artes Visuais, Habilitação em Licenciatura*. Ambos transitam pelos campos do fazer artístico, da participação e da colaboração. Ambos apontam para poéticas em processo, autorias compartilhadas, ocupação e transformação de espaços previamente instituídos. A partir da aproximação entre os dois trabalhos, ficamos a nos questionar sobre os possíveis – e efetivos - lugares de trânsito entre a licenciatura e o bacharelado em artes. É possível eximir da prática artística o exercício de fazer aprender? É possível manter a poética e/ou a experiência estética nos processos de educação?

Palavras-chave: artes visuais, pesquisa em arte, ensino de arte, poéticas visuais

Abstract

In this paper we emphasize some points of intersection between two final course projects presented in 2010, at the School of Visual Arts at the Federal University of Goiás. One of them was developed at the Bachelor of Visual Arts course; the other one was concluded at the Visual Arts – teacher formation course. In both cases, artistic activity, participation and collaboration were discussed. Both works articulate creative processes, sharing authorship, occupation and transformation of institutional places. These projects and their affinities have been motivating us to think about possible (and effective) link between the two courses: art educators and artist formation. Is it possible to exclude learning from artistic work? Is it possible to keep the poetic or aesthetic experience in educational processes?

Key words: visual arts, art research, art teaching, visual poetics

Entrada pelo Portal L

No Brasil, na segunda metade do século XIX, às artes manuais na escola primária eram atribuídos os objetivos de “desenvolver as qualidades físicas, intelectuais e

moraes do futuro cidadão, de auxiliar o menino a encontrar (...) a carreira apropriada às suas disposições naturais (...)” (BRASIL, 1893, p. 274). Em relação à formação do professor, julgava-se que ele precisava apenas dominar os princípios básicos das atividades, sem depender de maiores habilidades, ou exigências para que fosse artista ou artesão. Essa argumentação apoiava-se na orientação, de então, para o ensino do desenho no início de escolarização, segundo a qual o professor poderia demonstrar os princípios do desenho sem ser um desenhista “de primeira ordem”.

Esse dado foi trazido a este texto para demonstrar que vem de longa data a separação entre o exercício da produção e da pesquisa artística, o conhecimento em arte, de um lado, e o ensino do desenho, da arte, de outro lado. Como resultante dessa cisão, permanece a ideia de que o professor de arte – em especial nos campos da educação básica – não precisa conhecer muito de arte, ao menos não mais do que o necessário para assegurar o desenvolvimento de atividades no contexto escolar. Tal convicção tem marcado não só o ensino promovido nos contextos escolares da educação básica, como também os ambientes de formação inicial de professores de artes, em currículos que privilegiam as especificidades relativas às questões da educação, com a consequente diminuição das oportunidades de pesquisa em poéticas visuais, em materiais e recursos diversos, bem como da interação com questões contemporâneas das artes, e suas repercussões na interação com os públicos.

No tocante à educação formal, é necessário que se façam algumas perguntas e considerações. Que arte tem frequentado as escolas regulares, nos espaços destinados ao ensino de artes visuais? Que arte tem sido produzida nesses contextos, seja pelos estudantes, seja pelos professores? Minha experiência ao longo de muitos anos na educação básica aponta para a constatação de que, independentemente das orientações teórico-metodológicas que prevaleçam nos projetos pedagógicos, há muito pouco de arte, ou de artes visuais, ocupando salas de aula e pátios escolares. Uma breve incursão pela história da educação no Brasil no século XX, e do ensino de artes, aponta para uma constatação inevitável, e bem pouco confortável: nas escolas da educação básica em geral, prevaleceram condutas pedagógicas orientadas por princípios observados desde há alguns séculos, tanto na Europa quanto nas Américas.

Propostas mais arrojadas, capazes de abrigar diálogos mais estreitos com o mundo da arte, geralmente têm origem fora das instituições escolares. Seus territórios são ambientes de educação não-formal, ou os lugares destinados à arte legitimada e à alta cultura, nos quais são desenvolvidos programas educativos que visam ao público em geral, mas também propõem ações específicas para abrigar visitas previamente agendadas de grupos de estudantes e professores. No ensino de artes visuais, as propostas inovadoras, levadas aos programas e currículos escolares, quase sempre se iniciam nessas experiências de educação não-formal.

Destaca-se, assim, o fato de que a arte, essa legitimada pelo mundo da arte e chancelada pelas instituições a ela devotadas, não costuma se imiscuir em pátios e salas de aula de escolas regulares, públicas ou privadas – aí incluída a arte contemporânea em sua multiplicidade de perguntas, formas e *modi operandi*. Em situações mais próximas do desejável, faz-se representar por suas imagens, reproduzidas em fotografias impressas. As imagens também podem estar reunidas em arquivos digitalizados, de imagens fixas ou em movimento, projetados em telões ou paredes, muitas vezes encontrados na rede mundial de computadores, em páginas de museus e centros culturais que se esforçam por popularizar seus acervos. Num e noutro caso, dimensões e escalas de cores não correspondem aos originais; texturas, bem como tridimensionalidade e dinâmica, são apenas referidas, e imaginadas.

Com o argumento de estabelecer algum diálogo com essas imagens, os estudantes são chamados a experimentar suas próprias produções. O que acontece, na maioria das vezes, em espaços físicos inadequados a atividades dessa natureza, tampouco ao atendimento dos fluxos de pessoas em grande número. Nesse quadro, os processos experimentados pelos alunos acabam sendo reduzidos a breves exercícios com materiais e técnicas, articulados com alguma discussão a respeito. Os produtos gerados não chegam sequer a lembrar os objetos e imagens circulantes com a chancela do mundo da arte...

A esse contexto, agrega-se o perfil dos professores que respondem pelos processos de ensinar e aprender artes visuais na educação escolar. Entre os que não têm e os que

têm formação específica para atuar na área, prevalece o fato de que, em sua maioria, mantêm escasso contato com arte, e exercitam menos ainda alguma produção artística – de qualquer natureza –, muitos justificados, inclusive, pelas pesadas jornadas de trabalho, baixos níveis de remuneração e exigências *conteudísticas* por parte das instituições educacionais...

Entre os professores com formação em nível superior, em licenciatura, de acordo com a legislação vigente, no ambiente universitário, provavelmente tenham frequentado *ateliers*, convivido com professores artistas, participado de projetos de cunho artístico. No entanto, mesmo tendo vivido tais experiências, viveram também, mesmo que veladamente, alguma tensão entre, de um lado, estudantes dos cursos de bacharelado, cujas aspirações ao *status* de artistas os mantêm distantes de quaisquer reflexões a respeito dos processos de ensinar e aprender implícitos nos exercícios e experiências estéticas, e de outro lado, estudantes dos cursos de licenciaturas, que se submeterão à condição de meros professores em suas vidas profissionais, o que, supostamente, não demandaria maiores incursões no mundo da arte.

As tensões entre estudantes que fazem os cursos de bacharelado e os que escolhem a licenciatura comparecem de modo recorrente em relatos e discussões a respeito da formação de professores da educação básica, nas diversas áreas do conhecimento. Não seria diferente nas artes. O descompasso aponta para uma tendência à valorização do domínio das especificidades das áreas de conhecimento e suas experiências, em detrimento de se pensar sobre as relações de ensinar e aprender implícitas nesses processos.

Pensar as relações entre as práticas artísticas e as relações de ensinar e aprender não é uma possibilidade nova, mas mostra-se uma necessidade absolutamente atual. Sobretudo quando o que se tem em questão os currículos de formação, em nível superior, de bacharéis e professores em artes visuais.

É exatamente nesse entre, em meio a essa tensão, que, em 2010, foram desenvolvidos os dois trabalhos de conclusão de curso de graduação que constituem o núcleo central deste trabalho. Dentre suas principais características está a determinação para não

levar em consideração os limites que separam e desqualificam os trânsitos entre fazer/pensar arte e ensinar/aprender – a despeito do sentimento de *estar fora do lugar* referido por suas autoras. O primeiro foi desenvolvido no curso de Bacharelado em Artes Plásticas, e o segundo teve como território o curso de Artes Visuais – Licenciatura. No entanto, o projeto de criação proposto no primeiro trabalho abriu espaço para se perguntar sobre as possibilidades de se estabelecer relações de ensinar e aprender no trabalho artístico, ao envolver um grupo de adolescentes em todas as etapas de planejamento, escolhas e execução; por sua vez, o processo de discussão coletiva deflagrado no segundo interferiu de modo substancial na formação dos estudantes do curso de Artes Visuais – Licenciatura, e resultou na inscrição – e aprovação – de uma proposta de exposição coletiva de arte contemporânea em atendimento ao edital da Galeria da FAV/UFG.

O desconforto da condição de estarem fora do lugar, que as acompanhou tanto no desenvolvimento das atividades previstas nos respectivos projetos, quanto ao momento final, na defesa propriamente dita, tornou-se matéria prima para a discussão proposta neste trabalho. É preciso perguntar a respeito do espaço ocupado pela educação nas práticas artísticas, bem como do espaço das práticas artísticas nos ambientes da educação. Como se dão esses trânsitos? Qual a natureza dessas interseções?

Os portais de passagem

Como já referido, nosso interesse por esse assunto se intensificou a partir das experiências de leitura e orientação artístico-acadêmica de dois trabalhos de TCC defendidos no ano de 2010 na FAV/UFG. Um deles, situado no curso de Artes Plásticas, chama-se *(En)cantando Espaços* (COIMBRA, 2010), e refere-se a uma produção artística de caráter relacional, realizada com a participação de moradores do Lar Mãe Zeferina, instituição localizada nos arredores da cidade de Goiânia que acolhe meninos em situação de risco. O outro trabalho, intitulado *FAV.NOVAinacabada: uma experiência no estímulo à produção discente em poéticas visuais contemporâneas na FAV/UFG* (KANDA, 2010), situado no curso de Licenciatura em Artes Visuais, refere-se a um projeto de extensão em que o público alvo foi o próprio alunado tanto das artes

plásticas quanto da licenciatura, e que teve como objetivo o fomento à produção artística na FAV/UFG.

Ambas as autoras relataram sensações de desconforto provocadas principalmente por comentários e questionamentos sobre o lugar daquela pesquisa dentro do curso no qual estavam inseridas. Tratamos aqui de um trabalho de bacharelado que aponta para “suspeitas” sobre o seu possível lugar na licenciatura. Em contrapartida, o trabalho situado na licenciatura buscou referencial teórico no campo das práticas artísticas. O que faz com que um trabalho artístico receba um comentário como “o seu trabalho não deveria ser defendido na licenciatura?”. E, por outro lado, o que faz com que um trabalho localizado no campo do ensino receba questionamentos como “onde estão os referenciais teóricos da educação?”.

Lançamos, aqui, para posterior problematização, os relatos das duas ex-alunas, oriundos do cerne de suas experiências artísticas e acadêmicas. Primeiro, Tatianny Leão, em seguida Aishá Kanda.

PORTAL B

A proposta artística coletiva intitulada *(En)cantando espaços* surgiu despretensiosamente a partir da minha referência de casa e de percepção de lugar. Quando imaginava que seria algo simples, como um “fazer junto”, a história foi sendo vivida e me surpreendendo desde o início. Uma proposta artística em que o ponto central era a reflexão e a discussão sobre a construção de nossos lugares de afeto, abriu espaço para pensar temas como o ser artista, a autoria compartilhada, os processos coletivos, a relação artista-educador, até mesmo questões relacionadas ao processo de avaliação de trabalhos em artes plásticas.

A sensação de estar “fora do lugar” foi sentida durante todo o tempo, principalmente pela dificuldade em ser entendida primeiramente como artista e não como educadora. O desafio era justamente pensar e agir coletivamente em função de um projeto artístico comum, trabalhando com um grupo heterogêneo e de pouquíssimo contato com a arte. Esse estranhamento provocava um esforço ainda maior em atestar minha experiência

como uma artista que pensa sua produção artística e que também vê nela uma possibilidade de compartilhamento e de construção de redes e de conhecimento. Esse esforço necessitou de mim uma habilidade em agenciamentos, que entendo como formas de negociação, sejam elas com pessoas, galinhas, com a instituição de ensino, negociações de espaço, de maneiras de trabalhar e pensar.



Figura 1. Projeto (En)cantando espaços, 2010. Acervo: Tatianny Leão.

Foi curioso ter abordado sobre a construção dos lugares e ao mesmo tempo me sentir “fora do ninho”, no que diz respeito ao sistema das artes. Talvez se eu tivesse realizado e também visto mais propostas artísticas coletivas (em seus diferentes formatos e expressões) durante o curso, essa sensação possivelmente não teria ficado tão latente. Vivemos nessa infinita busca por um lugar, e é o trânsito de um lugar para outro que nos faz ser movimento, instabilidade desejada, sempre à procura de novos desafios, novas possibilidades e experiências. Ter um lugar é estar à procura de um.

PORTAL L

Ingressei no curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG em 2006 e dois anos depois passei a integrar o coletivo artístico Grupo EmpreZa, através do qual pude ter algumas experiências ricas e íntimas com a arte, com alguns de seus meios e com modos de produzir processos criativos. Meus trajetos ao longo do curso que me levaria ao lugar de licenciada em artes visuais, bem como meus trajetos iniciais como artista visual, foram, a meu ver, sendo encadeados numa toada que nada tinha que ver com violenta. Fiquei surpresa então, quando em 2010, em vista do tema que havia elegido para discutir em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado *FAV.NOVAinacabada: uma experiência no estímulo à produção discente em poéticas visuais contemporâneas na FAV/UFG*, passei a receber diversos avisos em relação ao perigo que eu corria trabalhando com questões que não eram da licenciatura, e sim do bacharelado.

Neste TCC busquei relatar a experiência que havia tido ao pensar/realizar/participar de um projeto de estímulo à produção discente em poéticas visuais contemporâneas entre os estudantes da licenciatura e do bacharelado da FAV/UFG e, dentro disso, trazer à discussão questões referentes ao fomento da produção artística contemporânea, à investigação de configurações possíveis para a troca e construção de conhecimentos artísticos, à ideia de pensar a arte contemporânea como fundamento para a prática do ensino de arte, à coletivização de processos e à responsabilidade da universidade na formação do artista.

Os avisos recebidos quase sempre se mostravam mais preocupados com questões burocráticas pontuais. Ouve-se sobre a validade e importância dos entrecruzamentos da licenciatura com o bacharelado. Ressalta-se, também, a possibilidade das relações entre o docente/artista e/ou artista/docente, mas por final encerra-se apontando para o terrível risco de fazer um trabalho em que o problema e as hipóteses não estivessem claramente amarrados às questões do ensino de artes, o que poderia levar à recusa do trabalho proposto. Além desses avisos, que costumavam vir dos professores da licenciatura, havia também os estranhamentos dos colegas discentes da unidade

acadêmica. Uma certa tendência a ver a produção artística (que seria “coisa do bacharelado”) como completamente esvaziada de questões relativas à mediação, aprendizagem, construção de conhecimento (conceitos que prefiro à palavra ensino...) bem como ver a mediação (“coisa da licenciatura”) como completamente esvaziada das questões artísticas propriamente ditas.



Figura 2. Projeto FAV.NOVAinacabada: uma experiência no estímulo à produção discente em poéticas visuais contemporâneas na FAV/UFG, 2010. Acervo: Aishá Kanda.

Para o projeto *FAV.NOVAinacabada* acontecer foram necessários vários agenciamentos de ordens diversas. Ativamos diálogos com professores/artistas na busca de referencial norteador para iniciativas semelhantes ao que pretendíamos construir. Também mantivemos diálogos com parceiros habituados a lidar com os formatos burocráticos de editais para que nos ajudassem na elaboração do projeto de extensão, o qual inscrevemos no Programa Bolsa de Extensão e Cultura da PROEC/UFG. Realizamos mesas de debate, oficina artística e encontros do grupo de estudos; para isso, foi necessário estabelecer negociações com a direção e com o corpo administrativo da Unidade. Para divulgar o projeto e convidar todos a participar, contamos com a participação dos colegas da licenciatura e do bacharelado e com profissionais da área de artes visuais. Como última etapa, inscrevemos uma proposta de exposição coletiva com a produção realizada durante o projeto, em atendimento ao edital de exposições e curadoria da Galeria da FAV. Um projeto proposto na licenciatura, com trânsitos pelo bacharelado, que culmina na produção artística de

alunos de ambos os cursos e que termina como inserção num espaço institucional para as artes visuais.



Figura 3. Projeto FAV.NOVAinacabada: uma experiência no estímulo à produção discente em poéticas visuais contemporâneas na FAV/UFG, 2010. Acervo: Aishá Kanda.

Saída para os quintais

Por que os lugares ocupados por um e outro projeto, e seus trânsitos, podem ter causado estranhamentos? Que tipo de estranhamentos? Estariam, de fato, fora do lugar? De que lugar? O que seria *estar no lugar*?

Em tempos quando são recorrentes projetos cujos argumentos se fundam em noções de transitoriedades, transterritorialidades, multirreferencialidades, fluxos, migrações, deslocamentos, é curioso notar a renovação de alguns vetores cuja força visa à manutenção de territorialidades, referências estáveis, fixidez. Do ponto de vista da produção de conhecimento, das experiências vividas, bem como dos diálogos interculturais, interdisciplinares, interpessoais (e quantas outras modalidades *inter* possam ocorrer...), se não é possível manter uma rígida fixidez identitária, sob pena de

não se estabelecer qualquer comunicação, tampouco é recomendável o desfazimento radical das referências identitárias, sob pena de se perder a noção de unidade, e provocar a dissolução das individualidades, o que repercutiria também na dissolução da noção de totalidade, seja ela qual for: social, cultural, etc.

Isto vale para se pensar algumas questões relativas à formação profissional, em particular em artes visuais, do artista e do professor, de acordo com as considerações de Tatianny Leão e Aishá Kanda, nos Portais B e L. Se, de um lado, proliferam-se discursos em defesa de abordagens multidisciplinares, do pensamento complexo, das múltiplas competências nos desempenhos profissionais, por outro lado, ganha visibilidade a preocupação, crescente em algumas áreas, de delimitação de campos, e fortalecimento identitário de grupos. Essas questões passam a ter maior relevância nos processos de avaliação e reformulação dos projetos de curso para formação em nível superior, quando essas forças estabelecem, entre si, embates nos diversos níveis de discussão e encaminhamentos. Os agenciamentos demandados para o desenvolvimento dos projetos de pesquisa relatados estendem-se para as negociações necessárias envolvendo disciplinas, nomeações, abordagens, cargas horárias, pontos e espaços de intersecção.

Aproximar os cursos de bacharelado e licenciatura em Artes Visuais, abrindo espaços a trânsitos que ampliem as possibilidades de formação dos futuros profissionais artistas e professores, sem, contudo, perder de vista as especificidades que cada atuação pressupõe, é um desafio a ser enfrentado não só pelas equipes que lideram as reformulações curriculares, mas também pelos corpos docentes que operacionalizarão tais propostas, e seus discentes destinatários das mesmas. E para isso é necessário que se abram espaços para se discutir tais relações: o que pode haver de educação nas práticas artísticas? Qual o lugar das práticas artísticas na educação?

Já não é possível deixar de considerar o papel da pesquisa na formação dos professores, aí incluídos os arte-educadores, na perspectiva do professor-pesquisador, ou do professor reflexivo, ou seja, do professor que transforma sua própria atuação em fonte inesgotável de reflexão sistemática, que pensa e elabora conhecimento a partir

de sua ação, para redimensioná-la. Nóvoa (1992) ressalta a importância do trabalho coletivo e da partilha de experiências no fomento à postura reflexiva por parte dos professores. Nesses termos, a experiência é, sim, muito importante, mas ela só se transforma em conhecimento com potência transformadora na medida em que se torne matéria de observação e análise sistemática. O professor pesquisador, portanto, é um profissional que assume sua própria realidade de atuação como campo de aprendizagens, de estudo.

Ao insistir no fato de que a experiência *per se* não seja formadora, Nóvoa evoca a concepção de John Dewey sobre experiência. Para Dewey (2010), continuamente ocorrem experiências, porque as interações de todo ser vivo com as condições de seu ambiente estão implicadas no próprio processo da vida. No entanto, no mais das vezes, as experiências vividas são incipientes, no sentido de que prevalecem a distração e a dispersão. É nas experiências *singulares* que o material vivido ganha consistência, articula sentidos mais fecundos, propiciando situações efetivas de aprendizagem, que seguem o fluxo dos eventos, entretecendo informações, percepções, sensações, afetos, cognição, até a sua conclusão.

Quando se tem em pauta a formação de professores de artes visuais, há um terceiro elemento que deve ser levado em conta: as artes visuais, com campo próprio e práticas artísticas específicas. Apresenta-se, então, um gradiente de (des)encontros entre docência, pesquisa e conhecimento artístico em suas dimensões práticas e teóricas.

Para adentrar esse campo, tomamos a afirmação de Dewey, ao destacar a dimensão estética do pensamento decorrente da experiência singular: “(...) uma experiência de pensar tem sua própria qualidade estética. Difere das experiências que são reconhecidas como estéticas, mas o faz somente em seu material” (2010, p. 113). No entanto, interessa aqui a experiência artística propriamente dita, com suas especificidades e seus materiais, articulada ao pensamento em sua dimensão estética. Nas últimas décadas, tornaram-se cada vez mais comuns projetos, programas e propostas que buscam estabelecer correlações entre pesquisa científica e práticas artísticas, num esforço quase sempre profícuo de aproximações entre os modos de

conhecer dos procedimentos científicos e das práticas artísticas. Resultam, então, metodologias diversas de pesquisa, orientações epistemológicas, concepções do ato de conhecer, cujos pontos de vista tendem a uma natureza híbrida, capaz de lidar com rigor e liberdade na criação, experiência estética e artística, e conhecimento.

No tocante à formação de professores, também se ampliam as tentativas de articulação dos referenciais aqui apresentados. Além das pesquisas baseadas em arte, a *A/R/Tography* (SPRINGGAY, IRWIN & KIND, 2008) comparece como um exemplo de abordagem em que práticas da arte e da educação buscam articular, ao mesmo tempo, os papéis do artista, do pesquisador e do professor. As autoras propõem a *A/r/tography* como uma metodologia que se situa no espaço *entre*, redefinindo, desse modo, comunidade, conhecimento, e pesquisa da percepção inquieta. Muitos artistas contemporâneos, em especial os que se voltam para questões da estética relacional (BOURRIAUD, 2009), exploram as relações entre pesquisa, arte em contextos específicos, buscando a construção de sentidos a partir do coletivo, o que pressupõe, também, a construção de aprendizagens.

No entanto, apesar desses autores e suas temáticas constituírem leituras relativamente frequentes nos cursos de Artes Visuais, habilitações em bacharelado ou licenciatura, os encaminhamentos práticos e institucionais, quase sempre, são mais tacanhos, ocupados em gerenciar obstáculos, barreiras, hierarquias. O que reverbera em tensões, dificuldades por parte dos estudantes que almejam vôos experimentais mais ousados, cujos desdobramentos são, quantas vezes, silenciados.

É importante ressaltar que as propostas de Aishá Terumi Kanda e Tatianny Leão Coimbra não são exatamente novidade no campo das práticas artísticas, ou no contexto de formação de professores. Ainda e assim, provocam estranhamento em sua disposição para desconsiderar certas demarcações territoriais – que já não se sustentam conceitualmente – na busca por respostas às suas perguntas e percepções inquietas.

Ao desconsiderar tais demarcações, é possível ultrapassar o batente dos portais, em direção ao espaço aberto e múltiplo dos quintais, onde há húmus e limo e pedras e

terra e água e plantas e insetos e animais diversos... recantos, esconderijos, copas das árvores, pássaros, o céu! Mas também há riscos, perigos: é preciso ter cuidados. Quando não há mais a chancela institucional, dos territórios que ficaram por trás dos portais, são necessárias negociações redobradas, e o sentido de responsabilidade e de compromisso ganham novas dimensões. Cada participante assume seus papéis, responde por eles, negocia no coletivo, aprende, se expressa, cria... Muitas vezes se frustra, se cansa, nem sempre é bem sucedido. Mas é certo que não há modo mais rico e vívido de cumprir o percurso de formação como artista visual ou professor de artes visuais do que experimentar os trânsitos entre as demarcações antes dos portais, e os quintais que se abrem depois deles. Entre sustos e medos, possibilidades e descobertas.

Enquanto isso, em canteiros de alguns quintais por onde temos transitado, cultivamos utopias... Chegará o tempo em que os artistas, que estão ao abrigo das universidades e atuam como formadores, integrarão à sua experiência estética e criativa o papel de professores que são – e quase sempre preferem relegar a segundo plano... Chegará o tempo em que professores de artes visuais, imersos nas instituições escolares da educação básica – e também os que atuam no ensino superior –, integrarão a produção artística à sua vida profissional, produzindo conhecimento a partir dela, construindo aprendizagens mais sensíveis...

Chegará o tempo em que, apesar dos muros, das paredes, das fronteiras – que também têm seus papéis a cumprir, afinal – haverá mais portais, e será mais fácil transpô-los. Assim, intensificados os fluxos de ir e vir, talvez seja menos sofrido o enfrentamento dos desafios à espera nos quintais que se desdobram, uns após os outros, pelo mundo afora...

¹ Este artigo, encaminhado ao Comitê de Poéticas Artísticas, articula-se com o artigo intitulado PORTAL L: ENTRE-LUGARES, (DES)ENCONTROS POSSÍVEIS, encaminhado ao Comitê de Educação em Artes Visuais. Elaborados com estruturas similares, cada um apresenta reflexões a respeito do mesmo núcleo de questões, tendo como pontos de vista o lugar da orientação e o lugar da leitura/avaliação de dois Trabalhos de Conclusão de Curso defendidos na FAV/UFG, sendo um deles situado no curso de Licenciatura em Artes Visuais (PORTAL L) e o outro, no curso de

Bacharelado em Artes Plásticas (PORTAL B). As autoras têm participação efetiva não só na escritura destes artigos, mas, sobretudo, nos desdobramentos dos processos deflagrados a partir dessas discussões.

Referências

- BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009b.
- BRASIL. *Decreto nº 38 de maio de 1893*. *Revista Pedagógica*, Rio de Janeiro, Livraria Classica de Alves, n. 25, 26 e 27, set./1893
- COIMBRA, Tatianny Leão. *(En)cantando Espaços*. Goiânia: FAV/UFG, 2010. Monografia de final de curso.
- DEWEY, John. *A arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- KANDA, Aishá Terumi, *FAV.NOVAInacabada: uma experiência no estímulo à produção discente em poéticas visuais contemporâneas na FAV/UFG*. Goiânia: FAV/UFG, 2010. Monografia de final de curso.
- NÓVOA, Antonio. *Os Professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992
- SPRINGGAY, Stephanie; IRWIN, Rita L.; & KIND, Sylvia. *A/R/Tographers and living inquiry*. In KNOWLES, J. Gary & COLE, Ardra L. *Handbook of the arts in qualitative research*. Los Angeles, London: Sage Publications, 2008.

Aishá Terumi Kanda

Artista visual integrante do coletivo Grupo EmpreZa. Licenciada em Artes Visuais pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Atua na docência em artes.

Alice Fátima Martins

Arte educadora, Mestre em Educação, Doutora em Sociologia, Professora Adjunto da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, no curso de Licenciatura em Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual. Pesquisadora associada no Programa Avançado de Cultura Contemporânea, na UFRJ.

Manoela dos Anjos Afonso

Artista visual. Mestre em Cultura Visual. Professora Assistente da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, no curso Artes Visuais – Habilitação em Artes Plásticas. Coordenadora do Projeto de Pesquisa: 'A prática relacional nas artes visuais: comunicação, interação, convívio e proximidade como elementos constitutivos das proposições artísticas contemporâneas'.

Tatianny Leão Coimbra

Artista visual, formada pela Universidade Federal de Goiás. Faz trabalhos de pintura, gravura e estencil. Os temas de maior interesse para pesquisa em artes plásticas são as relações homem/lugar/espaço, arte relacional e artes gráficas. Participa, desde 2009, do grupo de pesquisa poética Arquigravura. que se utiliza da gravura e da estampa para tratar de temas ligados à arquitetura e à cultura urbano rural de diversas cidades de Goiás.